
As disputas de sentido em torno da expressão "discurso de ódio" em práticas de comunicação no facebook¹

Juan Pablo Ricardo²
Manuela Rau de Almeida Callou³

Instituto Federal de Alagoas (Ifal) e Universidade Federal de Alagoas (Ufal)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender as disputas de sentido em torno da expressão "discurso de ódio" em práticas de comunicação no facebook. A partir do aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso materialista, iniciada a partir dos estudos de Pêcheux (2014a [1975]; 2014b [1969]), na França, e continuada por Orlandi (1987), no Brasil, adotamos a perspectiva de uma semântica de cunho materialista. Dito de outro modo, compreendemos que a produção de sentidos está intrinsecamente ligada à maneira como sujeito, língua e ideologia se articulam. A partir disso, analisaremos em que condições de produção imediatas e em que condições de produção sócio-históricas são feitos esses enunciados, remetendo-os ao funcionamento do interdiscurso, o todo possível do dizer (Orlandi, 2013).

Palavras-chave: disputa de sentido; discurso de ódio; análise do discurso materialista.

Sobre o objeto e conceitos de “discursos de ódio”

Neste artigo, atendemos aos objetivos de monitorar e detectar a presença de enunciados com a expressão "discurso de ódio" (e suas variações) a fim de compor um corpus de postagens, e também de remeter os enunciados selecionados às condições de produção do discurso e à memória do dizer, buscando identificar filiações ideológicas de sentido. Assim, encontramos, nessa análise, os principais resultados, dividindo este “corpus” de postagens em dois grupos:

1. O primeiro grupo faz referência a discursos de ódio contra o grupo LGBTQIPNA+, contra a “esquerda”, contra negros, contra a democracia ou contra os direitos em geral;
2. No segundo grupo encontramos aqueles discursos de ódio que se defendem como parte da liberdade de expressão e que encontram justificativa numa

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação. Evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisador do Instituto Federal de Alagoas e professor do Colégio Nossa Senhora Aparecida, email: juanpabloricar@gmail.com.

³ Docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), email: manuela.callou@ichca.ufal.br

suposta perseguição política – ideológica ou como resposta a uma violência maior gerada pela oposição.

Diante disso iremos responder aos seguintes objetivos: 1) Refletir analiticamente sobre as filiações de sentido, na disputa pela significação do que é "discurso de ódio" nas diferentes formações discursivas e 2) Produzir um dispositivo de leitura e interpretação que demonstre o funcionamento do processo discursivo que materializa essa disputa pelo "discurso de ódio" na ordem da língua.

Dessa forma, continuaremos a analisar as disputas de sentido em torno da expressão "discurso de ódio" e de como diferentes grupos políticos têm se apropriado dessa expressão em sua discursividade, produzindo uma tensão no processo de produção dos sentidos. Assim, o percurso metodológico será o de coleta de dados junto a plataforma *Facebook* com a análise de dados sendo feita por meio da Análise do discurso materialista, que pressupõe a produção dos sentidos naquilo que se fala ou escreve, tendo em vista a relação entre sujeito, língua e ideologia. Para a Análise do Discurso, sujeito e sentido se constituem mutuamente (Orlandi, 2013). Isso significa que compreender as diferentes subjetividades em presença no espaço virtual (Dias, 2012) é fundamental para compreender os sentidos atribuídos às formas linguísticas que circulam e sustentam a existência das diferentes formações discursivas que constituem a sociedade brasileira.

Segundo teses de Thiago França (2019) não há na Análise do Discurso ou nas teorias linguísticas, conceitos definitivos relacionados ao discurso de ódio. Por isso, seu esforço de pesquisa é propor a conceituação sobre o objeto de estudo: "discurso de ódio". Desse modo, ele se ampara em contribuições de importantes autores como: Michel Pêcheux e Eni Orlandi, entre outros, também muito destacados. Assim, França adota uma postura interdisciplinar, buscando contribuições na Sociologia, na Psicologia e na Filosofia da Linguagem.

O percurso que vou apresentar tenta ser, na medida do possível, fiel ao tempo das leituras e das descobertas que fui fazendo ao longo da incursão teórica necessária para a produção do que será lido adiante, mas tem também alterações e inserções sugeridas em diálogo com outros pesquisadores. Neste capítulo, então, o (a) leitor(a) encontrará uma discussão sobre discurso de ódio e sobre ódio. É aqui que sistematizo os diferentes lugares teóricos que visitados, alguns teóricos com os quais dialoguei, algumas interpretações sobre discurso de ódio e ódio das quais me apropriei, reelaborei, discuti, enfim, ressignifiquei de alguma maneira, seja pelo deslocamento para a discussão que

desenvolvo nesta pesquisa, seja por motivo de amparos teóricos necessários (França, 2019, p. 45).

Desse modo, segundo as pesquisas de Thiago França (2019), podemos abordar a questão do discurso de ódio a partir da esfera jurídica, entendendo esta como o conjunto de leis e organismos que determinam as normas e regulam o comportamento social dos indivíduos. Porém neste ponto percebemos que também existem conflitos na abordagem, já que se consideramos a jurisprudência norte americana, existe a possibilidade de, ao acusarmos alguém de proferir um “discurso de ódio”, vamos ferir o ideal de liberdade de expressão, já por outro lado, se seguimos a jurisprudência alemã, vemos que o discurso de ódio fere os princípios da dignidade humana. Portanto, o debate sobre o discurso de ódio terá esses dois polos, dito de outra forma, o fundamento teórico-ideológico do que consideramos discurso de ódio estará sujeito ao polo que sustente a definição.

Thiago França (2019) destaca o pensador Waldron (2012), que afirma que o discurso de ódio é quando esses discursos agravam os status dos membros de um grupo social. Este ponto de vista atira a questão sobre o discurso de ódio enquanto uma forma de insultar, intimidar e assediar pessoas por causa do sexo, raça, religião. Mas essa definição também abrange a resposta agressiva das minorias, resgatando um sentido importante que é justamente a passagem da palavra à ação e o pequeno limite que existe entre esses dois universos.

Desse modo, os discursos de ódio criam estereótipos e uma exclusiva seleção de fatos que favorecem visões de mundo unilaterais que não encontram respostas imediatas e, como consequência, proliferam violência com liberdade. Um elemento deste processo que deve ser destacado é a externalidade do discurso. Enquanto ele for pensamento, sua abrangência e problemas ganham projeção subjetiva, que pode muito bem tornar-se coletiva. Porém, quando passa a ser um exercício concreto e coletivo do binômio “eles” e “nós”, vemos um grave problema, pois o discurso passa a existir como orientação de grupo e pode ferir a dignidade humana de uma comunidade. Isso provoca uma fissura na sociedade onde o diferente deve ser eliminado.

A partir da observação do cenário político atual e da história recente da política brasileira, compreendemos que há, hoje, um acirramento muito forte entre diferentes grupos políticos (com seus perfis conversadores ou progressistas). Com o avanço das discussões sobretudo a respeito da igualdade de gênero, da igualdade racial e de demandas de movimentos pelos direitos da população LGBTQIPNA+, paralelamente à

conscientização de parte da sociedade, ressurgiu, também, um reacionarismo contra essas discussões, instaurando-se, assim, disputas de sentido que se materializaram majoritariamente na língua.

Tem sido comum, nas redes sociais de internet, vermos a acusação de que as críticas ao ex-presidente Jair Bolsonaro se caracterizam como "discurso de ódio", com a justificativa de que as pessoas estariam com ódio, com raiva de Bolsonaro em virtude de sua atuação na presidência e, mais amplamente, na política brasileira. Trata-se de uma distorção em relação ao modo como a noção de "discurso de ódio" surgiu, pois há um apagamento das condições subjetivas para que um sujeito possa ser vítima de um discurso de ódio. É precisamente neste ponto que nossa pesquisa pretende intervir, questionando quais são as condições de produção, tanto imediatas quanto sócio-históricas, por meio das quais se instaura essa disputa de sentido.

Para tanto, serão valiosas as análises dos contextos em que a expressão surge e quais relações de sentido são produzidas pelo sujeito ao enunciá-la. A pergunta "como a sociedade atual compreende a noção de 'discurso de ódio'?", servirá de fio condutor para a nossa discussão. Assim, caracterizamos as diferentes formações discursivas e ideológicas que determinam a produção dos sentidos do nosso objeto, compreendendo a maneira como os sujeitos circunscritos a elas acionam a memória do dizer, o interdiscurso, possibilitando, assim, perceber suas filiações ideológicas. Gregori et al (2017) discutem, na perspectiva do Direito, os limites entre liberdade de expressão e discurso de ódio na mídia. A divisão em classes provoca o conflito de interesses, instalando a polêmica e a possibilidade de significar o outro no lugar do inimigo nem interesse no debate público (Habermas, 2003).

Assim, entendemos que “quanto mais distante os indivíduos no grafo social, menor o compromisso de cooperação que possuem uns com os outros” (Recuero, 2012, p. 162-163). Não havendo cooperação, abre-se a possibilidade do mais fragilizado ser subjugado, o que impede o trato empático, polido, etc., que materializa/verbaliza por meio de formas linguísticas, já que “[...] uma vez renegada a polidez, os atos de fala tornam-se cada vez mais agressivos e conflituosos” (Recuero, 2012, p. 166). O virtual constitui, ainda, uma ilusão de anonimato, e um espaço para estas formas de expressão, conforme explica França (2019, p.33):

[...] pensando que um imaginário de anonimato facilita o discurso de ódio, e que o anonimato é presumido no espaço virtual, reitero que o espaço virtual,

inclusive por suas características presumidas ou próprias, funciona como condições de produção para o discurso de ódio.

Assim, “o imaginário em relação ao espaço virtual produz condições para que se perca o senso do grotesco, que se manifesta como discurso de ódio, e para que a Ideologia funcione [...] acentuando o sentido da internet como ‘terra sem rei e sem lei’” (França; Gricoletto, 2018, p. 52). Portanto, a compreensão das implicações do virtual nas práticas de comunicação ordinárias em que se materializam os discursos de ódio faz-se, assim, de grande importância.

Para alcançar tais objetivos, utilizamos como aparato teórico-metodológico a Análise do Discurso materialista, compreendendo o discurso como “feito de sentido” entre interlocutores (Pêcheux, 2014a). Essa definição de discurso nos conduz à consideração de que a produção dos sentidos se dá com a língua em funcionamento, tendo em vista, ainda, a maneira como a exterioridade incide sobre ela. De acordo com Orlandi (2013), discurso é a relação necessária entre língua e ideologia. Assim, ao observarmos a língua, remetendo seu uso à sua exterioridade, temos, então, o discurso enquanto lugar de observação das diferentes filiações ideológicas, por vezes dissimuladas pelo próprio funcionamento da ideologia.

Tendo em vista a definição de formação discursiva como aquilo que delimita o que pode e deve ser dito (Pêcheux, 2014a), na relação com as formações ideológicas, buscamos compreender diferentes filiações de sentido e diferentes gestos de interpretação acerca da expressão discurso de ódio.

Como procedimento de pesquisa, utilizaremos o buscador do *Facebook* para localizar comentários, postagens em perfis pessoais ou em grupos, etc., que estejam abertas ao público, em que se materializam na expressão “discurso de ódio” e suas variações. Em seguida, iniciamos o processo analítico, mobilizando, a partir dos enunciados recortados e a depender do que se materializa neles, os conceitos e noções da Análise do Discurso que nos permitiram chegar ao nosso objeto: compreender a disputa de sentido em torno da expressão “discurso de ódio” na comunicação ordinária na rede social de internet *Facebook*.

Desse modo, realizamos as leituras teóricas que nos proporcionaram um norte dentro de um marco teórico para poder recolher as diferentes amostras de postagens e textos que acompanham essas postagens onde podemos visualizar exemplos de discurso

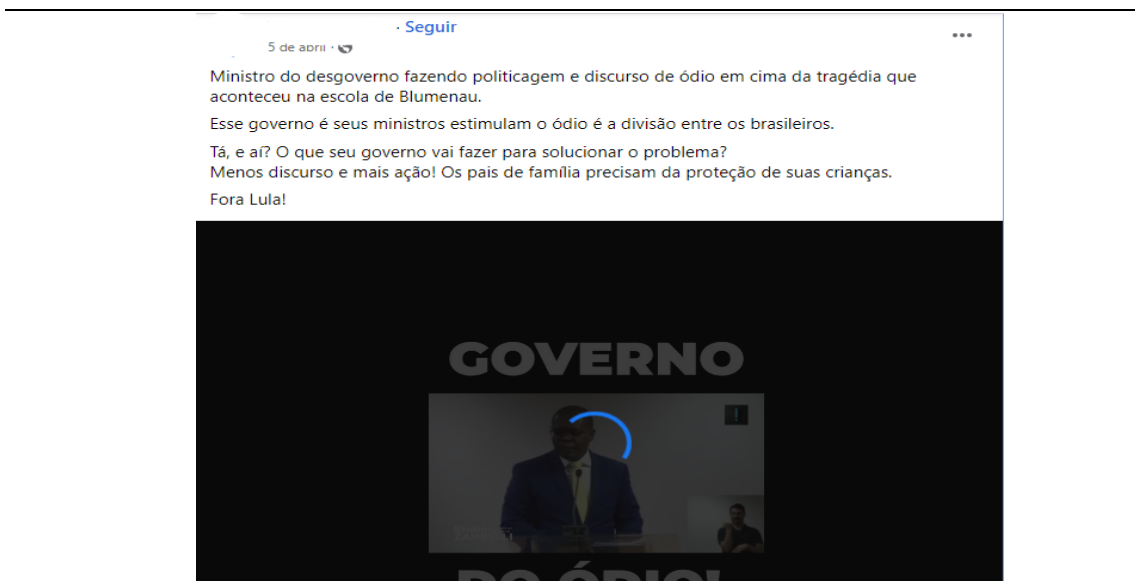
de ódio. Nesse ponto também reconhecemos postagens que fazem referência à liberdade de expressão e a censura.

O Discurso de Ódio no *Facebook*: entre o ataque ideológico e a defesa do direito de expressão

Dentro das possibilidades de análise que temos encontrado, notamos que o que tradicionalmente é considerado como discurso de ódio, nos primeiros esboços e abordagens, é um comportamento que sou como subversão violenta da realidade, como nos casos de defender discurso nazista (autocrático) ou dizer que existe uma proibição de ler *Mein Kampf* de Hitler ou no caso de considerar como “campos de concentração” os espaços onde foram colocadas as pessoas que invadiram o Palácio de Planalto no dia oito de janeiro de 2023.

Assim, aprofundamos a análise das postagens de discurso no Facebook no período de final de 2022 a metade 2023. Este período coincide justamente com as eleições presidenciais e o intento da ocupação de Brasília em 8 de janeiro de 2023. O marco de produção tem estreita relação também com a proliferação de grupos e políticos de extrema direita que sentiram ameaçado seu espaço de poder político e a diminuição hegemônica da produção de discurso oficial, sustentado pelo poder político do ex-presidente Jair Bolsonaro (Gramsci, 2001). A modo de exemplificação continuaremos a partir do que tínhamos percebido inicialmente sobre a circulação de discursos de ódio, subvertido a diferentes formas de discurso de ódio nas postagens de Facebook. Na postagem 1, temos:

Figura 1 - postagens críticas ao governo Lula



Fonte: Facebook (2023).

Vemos que a ideologia é de oposição ao governo do Presidente Lula ao utilizar no final do enunciado o “Fora Lula”. Desse modo temos também a formação discursiva que se alinha nessa perspectiva ao utilizar termos como “desgoverno”, “politicagem”, “ódio”, “pais de família” para fazer referência ao governo e seu acionar. No caso de “pais de família” poderíamos considerá-lo, por deslizamento de sentido e por sinonímia, em cadeira parafrástica com “homens de bem”. Neste caso, o próprio enunciador do discurso busca se construir como tal, ao aderir a tais discursos.

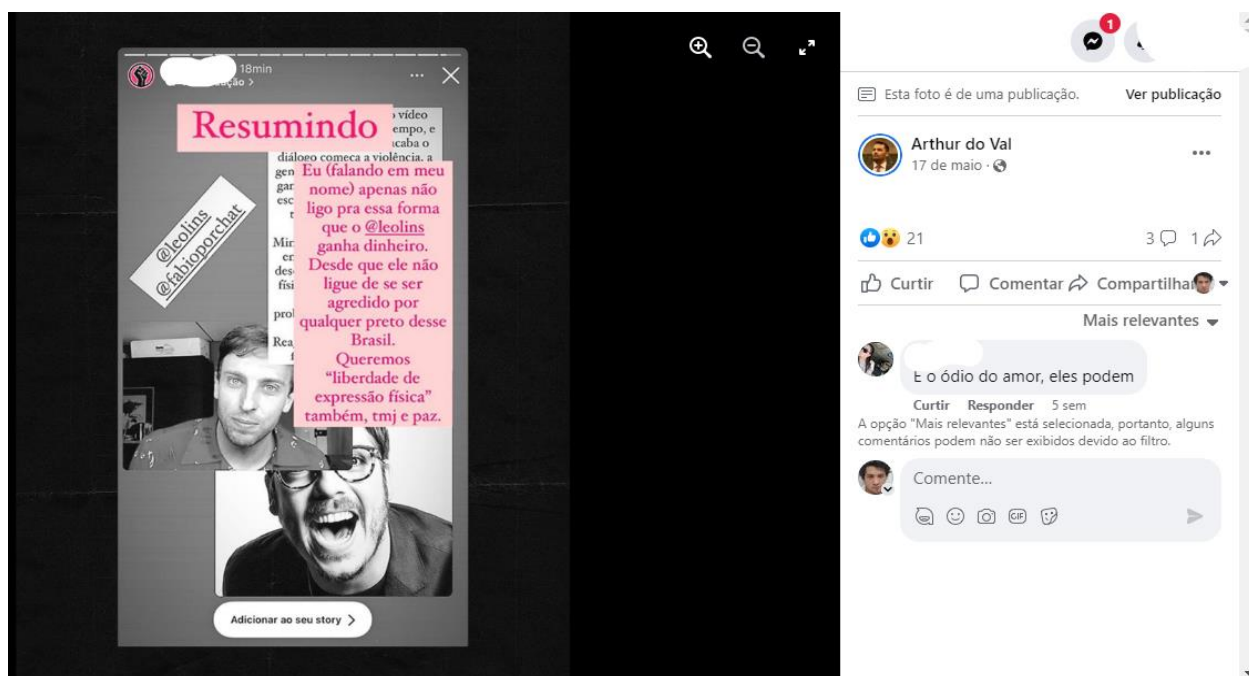
Já a palavra de “politicagem” estaria associada ao acionar do “desgoverno” que nem em uma tragédia se poupa de fazer “política”. Como se a tragédia acontecida não tivesse relação com o mundo político-social e as consequências das práticas políticas e discursivas dos diferentes sujeitos políticos. É muito importante destacar como na postagem aparece o conceito de divisão.

Em princípio, dentro da historiografia clássica brasileira e no saber popular, tem sempre se salientado ideias de convívio social pacífico, apesar das enormes desigualdades. No entanto, na memória de determinados setores conservadores ou de extrema direita, esse suposto “convívio social pacífico” é visto como positivo sem ter presente a opressão que existiu e existe historicamente tanto nos processos de revoltas históricas como nos processos de “invisibilização” ou negação da violência social.

Essa visão tem se propagado por muitas décadas e colocado como escravatura “fraca” ou ditadura “branda”, difíceis processos históricos locais, transferindo a estes um

certo eufemismo em termos de resultados sociais. Por isso qualquer menção à falsidade dessa ordem social ou olhar diferente, recebe conotação negativa e tende a marcar uma separação entre iguais, e que de fato não são. Por outro lado, segundo a postagem, o “ódio” subvertido estaria no reconhecimento dessas diferenças e na luta pela reivindicação de direitos. São esses dois pilares que promovem ódio “reverso”. Fazer uma leitura da sociedade a partir de um convívio social pacífico e integrador e quem se colocar em oposição ao *status quo* existente pela visibilidade, estaria fomentando o ódio. Na imagem 2, selecionada conforme a temática, temos o seguinte:

Figura 2 - Postagem sobre ódio reverso e suas interpretações



Fonte: Facebook (2023).

Nessa postagem temos a construção linguística “ódio do amor”. Em primeiro lugar, existe uma retomada de sentido por efeito metafórico, gerado a partir de um jogo de palavras propagadas pelos grupos progressistas como: “o amor venceu o ódio”. Em segundo lugar, novamente vemos que esses setores que atacam o progressismo se identificam como vítimas de um sistema que não os deixa expressar, mesmo que essa expressão seja de ataque a dignidade humana, racista e opressora. Frente a uma postagem que apresenta o problema de “dizer” sem responsabilidades, aparece uma resposta onde o sentido reverso seria que se alguém responder a uma agressão seria exercer o ódio. Ou

seja, não existem responsabilidades no enunciador e sim em quem reage a um discurso de ódio.

Considerações finais

Como resultados da nossa pesquisa, evidenciamos que o conceito de “discurso de ódio” é um conceito disputado pelas diferentes correntes ideológicas e conseguimos demonstrar que o discurso de ódio se manifesta de forma travestida de liberdade de expressão por aqueles que tentam propagar o ódio.

O ódio se manifesta tanto pelos critérios da liberdade de expressão, que para esses grupos significa “dizer” ou manifestar qualquer tipo de violência, humilhação, degradação da dignidade humana sem nenhum tipo de responsabilidade porque a liberdade de expressão os acoberta. Ou por outro lado, qualquer tipo de defesa de direitos que altere o *status quo* ou represente uma suposta afronta a direitos historicamente constituídos, a valores tradicionais religiosos ou sociais que possam ser alterados terão uma resposta de ódio, negação ou invisibilidade como temos demonstrado na análise dos posts.

As ferramentas da Análise de Discurso tem sido fundamentais para descrever esse fenômeno a partir do interdiscurso, da ideologia, do sujeito, da formação discursiva, das condições de produção e da memória. Graças a tudo isso, podemos perceber que muitos dos discursos que circulam na internet e em nesse caso, pelo Facebook, não circulam inocentemente ou se manifestam como consciência popular ou simplesmente são considerados como “verdades em si mesmas” aparentemente sem ideologias. Ao contrário, possuem uma construção ideológica clara e constroem sentido dentro desse grande campo de significação que é a *Internet*. Compreender os diferentes discursos dentro dessa disputa de poder faz com que compreendamos que qualquer tipo de discurso possui uma significação e a Análise do Discurso é o meio para descobrir isso.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2006.
- DIAS, Cristiani. **Sujeito, sociedade e tecnologia**. São Paulo: Hucitec, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

FRANÇA, Thiago Alves. **Sentidos e Funcionamento do Discurso de Ódio em Espaços do Facebook**: uma leitura discursiva. Recife, 2019.

_____. **Sentidos e funcionamentos do discurso de ódio em espaços do Facebook: uma leitura discursiva**. Orientadora Evandra Grigoletto. 2019. Tese (doutorado) - Curso de doutorado em Letras - Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019

_____; GRIGOLETTO, Evandra. Imagens do/no espaço virtual: sobre as condições de produção do discurso de ódio no facebook. In. Francisco Vieira da Silva; Kélvya Freitas Abreu (Orgs.) **O império do digital**: teoria, análise e ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 33-56.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere - Vol. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GREGORI, Isabel et al. **Os limites entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio na mídia atual**. Anais do Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. UFSM, Santa Maria/RS, 8 a 10 de novembro de 2017

HABERMAS, J. **Direito e democracia**. v. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. 2 ed. Campinas/SP: Pontes, 1987

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11 ed. Campinas/SP: Pontes, 2013

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: Fraçoise Gadet & Tony Hak (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani et al. 5 ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014b, p. 59-158

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014^a

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Tradução Almiro Pisetta e Lenita M. R. Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WALDRON, Jeremy. **The harm in hate speech**. London: Harvard University Press, 2012.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012 RODRIGUES, Michele. O racismo está online: discurso de ódio nas redes sociais no Brasil contemporâneo. Orientadora Flávia Dias. 2019. 45 f. Monografia (Graduação) - Curso de Sociologia - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2019.